

**REFLEXÕES SOBRE O PENSAR HISTÓRICO ASSOCIADO À VIDA: uma análise da  
II Consideração intempestiva de Friedrich Nietzsche**

***REFLECTIONS ON THE HISTORICAL THINKING ASSOCIATED WITH LIFE: an  
analysis of the II Timeless consideration of Friedrich Nietzsche***

Samir Lola Roland<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho procura compreender alguns desdobramentos a respeito do conceito de vida e de história na II Intempestiva “sobre a utilidade e desvantagem da História para a vida” de Nietzsche. A história em suas diferentes modalidades: monumental, tradicionalista e crítica, segundo o filósofo, deve se preocupar com os problemas do presente e com a construção de um futuro vigoroso. Assim, cabe destacar a crítica do filósofo aos eruditos que se preocupavam apenas com o aumento do conhecimento completamente desvinculado da vida. A crítica de Nietzsche se direciona ainda aos modernos que se veem juízes do passado e detentores da verdade. Nesse sentido, a própria cultura moderna, só existia enquanto reprodução de outras culturas passadas, entretanto, via-se superior ao ponto de julgar e se classificar melhor que outras culturas. Nietzsche, por outro lado, destaca a importância dos grandes homens na escrita de uma história que fizesse a relação entre passado, presente e futuro, utilizando-se das forças a-históricas e supra históricas contra a “doença histórica”, seria necessário tanto esquecer como direcionar seu olhar para o devir, tornando o conhecimento histórico a serviço da vida.

**Palavras-chave:** Cultura moderna. História. Vida.

**ABSTRACT:** This essay seeks to understand some developments regarding the concept of life and history in Nietzsche's Second Storm “on the usefulness and disadvantage of history for life”. History in its different forms: monumental, traditionalist and critical, according to the philosopher, must be concerned with the problems of the present and the building of a vigorous future. Thus, it is worth highlighting the philosopher's criticism of scholars who were concerned only with the increase of knowledge completely detached from life. Nietzsche's critique is still directed at moderns who see themselves as past judges and truth-keepers. In this sense, modern culture itself existed only as a reproduction of other past cultures; however, it was superior to the point of judging and ranking better than other cultures. Nietzsche, on the other hand, stresses the importance of great men in writing a story that would make the relationship between past, present, and future, using the ahistorical and supra-historical forces against “historical disease,” so much to forget. how to direct your gaze to becoming, making historical knowledge at the service of life.

**Keywords:** Modern culture. Story. Life.

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Humanas e especialista em Filosofia das Ciências Humanas pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: samirlolaroland@gmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende contribuir através da crítica nietzschiana para um diagnóstico das Ciências Humanas, especialmente da História no mundo contemporâneo. A crítica nietzschiana à concepção de homem e de História presente na “II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida”, nos permite refletir acerca das contradições que envolveram a humanidade no período da modernidade, sobretudo a partir do século XIX até os dias atuais. O filósofo destaca a importância da reflexão em torno da utilidade da história para a saúde de um indivíduo, povo ou cultura de modo que o olhar para o passado seja orientado pela força a-histórica tendo em vista a conservação da vida e instintos.

Friedrich Nietzsche faz uma crítica incisiva as diferentes concepções de história de seu tempo. O próprio objetivo do texto de Nietzsche sobre a “utilidade e os inconvenientes da História para a vida” seria, portanto, criticar a cultura de sua época a qual estava contaminada pelo excesso de História. O filósofo sustenta a sua crítica sobre os males do excesso de história para uma cultura, com o argumento de que o esquecimento seria indispensável à própria vida<sup>2</sup>.

Pretendemos analisar como Nietzsche compreende uma escrita da História que esteja associada à vida. Logo na introdução da *II Consideração Intempestiva*, o filósofo destaca que têm como objetivo refletir sobre a importância dos estudos históricos. Entendemos que a preocupação do filósofo será compreender até que ponto o conhecimento histórico estaria paralisando as atividades vitais, ou, pelo contrário, poderia até mesmo impulsionar a vida. Partindo do pressuposto de que a história é necessária à vida e a ação humana, torna-se importante, para o filósofo, compreender em que medida a História pode servir a vida ou não. Isto porque sua constatação é que o excesso de História faz com que a vida se degenere<sup>3</sup>.

Por esta razão, torna-se importante compreender as implicações decorrentes do excesso ou da falta do sentido histórico para a vida humana. Cabe destacar ainda que o filósofo considera ou justifica que suas considerações são intempestivas pelo fato de suas críticas se direcionarem ao contexto de um excesso de cultura histórica. Entendemos que objetivo de sua II

---

<sup>2</sup> De acordo com José d'Assunção Barros, Nietzsche em seu texto desenvolve uma "consciência sobre a consciência histórica", ou seja, uma reflexão sobre a consciência histórica e suas implicações. Vale destacar que a crítica de Nietzsche tem como alvo não apenas a historiografia e as modalidades históricas, mas o próprio "excesso de história" como algo constituinte e que expressava a decadência da sociedade europeia nesse período (BARROS, 2014, p. 254-255).

<sup>3</sup> Para Scarlett Marton, a ideia de vida e vontade de potência, em Nietzsche, estão relacionadas. Ao ponto do filósofo caracterizar a vontade de potência como vontade orgânica, sendo própria de todo ser vivo. A definição de vida, portanto, pode ser compreendida pelo conceito de vontade de potência. A própria vontade de potência se exerce por meio da resistência. Vida, portanto, é luta, combate e resistência (MARTON, 1990, p. 30).

Intempestiva seja apontar não apenas os males que o excesso de cultura histórica pode causar nos indivíduos, mas também a importância do esquecimento para a vida humana.

Em relação aos procedimentos metodológicos empregados na leitura das obras de Nietzsche, reuniremos algumas de suas obras como *Humano, Demasiado Humano*, *Gaia Ciência*, *Para além de bem e mal*, *Genealogia da Moral*, dentre outras, bem como alguns comentadores como Gilles Deleuze, Scarlet Marton, Itaparica, dentre outros, com o objetivo de fundamentar a discussão e o argumento da II consideração Intempestiva, compreendendo, sobretudo, os conceitos de História, esquecimento e vida, os quais são fundamentais para a compreensão não apenas do seu argumento, mas os seus possíveis desdobramentos de sua filosofia, inclusive em obras posteriores. Nesse sentido, a compreensão sobre esses conceitos nos ajudarão a entender, por exemplo, a crítica que o autor realiza aos modelos teóricos e metodológicos em voga e a cultura de sua época, a saber: no historicismo, positivismo, hegelianismo e o cristianismo. Por outro lado, será possível compreender como o filósofo fundamenta sua teoria na contramão da produção intelectual de seu tempo, entendendo o que o filósofo quer dizer quando se refere que a História deve servir a vida, ideia que perpassa do início ao fim da II Intempestiva.

## 2. ANÁLISE DE ALGUNS FRAGMENTOS DA II CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA

Para a compreensão sobre a importância do esquecimento ou ausência de sentido histórico para a manutenção da vida<sup>4</sup>, Nietzsche traz à tona o exemplo do rebanho, realizando uma distinção entre o animal e o ser humano que estaria centrada na memória e na consciência histórica presente neste último. Cabe ressaltar que, se por um lado, seria a memória a capacidade de enobrecimento do homem em relação aos outros animais, por outro lado, contraditoriamente, seria justamente a capacidade de lembrar que faz do homem um ser miserável disposto a sentir a tristeza e o sofrimento. Distintamente do animal que segue apenas os seus instintos biológicos. Essa distinção entre o ser humano e o animal fica evidente nesta assertiva abaixo, na qual Nietzsche relaciona a memória, a tristeza e ao sofrimento, características do ressentimento.

Observa o rebanho que pasta diante dos teus olhos: ele não sabe o que significa nem o ontem nem o hoje ele pula, pasta, repousa, digere, pula novamente, e assim da manhã à noite, dia após dia, estritamente ligado a seu prazer e à sua dor, ao impulso do instante, não conhecendo por esta razão nem a melancolia nem a tristeza. Este é um espetáculo duro para o homem, este mesmo homem que vê

---

<sup>4</sup> Entendemos a vida em Nietzsche, a partir do conceito de vontade de poder, o qual, segundo Deleuze, se constitui como uma relação e diferença entre quantidade e qualidade de forças. Nessa relação, uma força sempre prevalecerá sobre outras, dominando-as e comandando-as (DELEUZE, 1976, pp. 40-43). Vida, portanto, pode ser entendida como vontade de poder.

o animal do alto da sua humanidade, mas que inveja por outro lado a felicidade dele – pois este homem só deseja isto: viver como animal, sem tristeza e sem sofrimento; mas ele o deseja em vão, pois não pode desejar isto como o faz o animal (NIETZSCHE, 2005, p. 70).

Nesse sentido, seria a capacidade de esquecer algo indispensável à vida humana, pois permite que o ser humano experimente novamente a felicidade, de modo que esta última só seria possível tão somente pela capacidade de esquecer os acontecimentos. Essa explanação do filósofo sobre a importância do esquecimento para a manutenção da vida e da existência e a reflexão em torno da memória, torna-se fundamental para o desenvolvimento dos conceitos de “força plástica”, sentido “a-histórico” e “supra histórico”<sup>5</sup>, para entendermos a relação do homem com os diferentes momentos da vida humana: presente, passado e o futuro e as implicações decorrentes das ações humanas diante desta problemática. Desse modo, cabe a seguinte interrogação: O que seria de um indivíduo que não esquecesse o seu passado? Além disso, destaca a importância do ser humano se situar no instante, característica que invejaria no animal ou na criança. A faculdade de esquecer, de se situar no instante sem qualquer perspectiva histórica, portanto, seria fundamental para a manutenção da vida humana<sup>6</sup>.

Antes de adentrarmos na análise da II Intempestiva, torna-se necessário refletirmos um pouco sobre o que o próprio Nietzsche entende sobre vida. Na terceira parte do prólogo de *Gaia Ciência*, ao descrever sobre a atividade de sua escrita, Nietzsche destaca e deixa vir à tona as dificuldades, inconstâncias e regozijos no exercício de “parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós” (NIETZSCHE, 2012, p. 12). São estes sentimentos e afetos que nos tornam humanos, isto é, mortais e finitos. Esta seria a definição, portanto, de viver, “isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge; não podemos de outro modo” (NIETZSCHE, 2012, p. 12). Desse modo, podemos compreender a definição sobre vida a partir da ideia de finitude, com estágios de alegria e tristeza, de saúde, paixão e prazer, mas também de dor, doença e sofrimento.

---

<sup>5</sup> “O problema da memória e do esquecimento”, segundo Danilo Melo, é discutido na II Intempestiva, a partir da análise dos termos “histórico” e do “a-histórico”. Segundo o autor, a problemática sobre a memória e o esquecimento pode ser entendida ainda no período da “Pré-História”, quando os seres humanos eram “nômades” e viviam apenas para satisfazerem suas necessidades biológicas e orgânicas. Este homem vivia a-historicamente, ou seja, por meio do esquecimento. No entanto, a memória foi se desenvolvendo ao longo de um processo histórico “por meio da dor, do sofrimento, do sangue, do fogo, do martírio”. (MELO, 2011, pp. 397-401). A memória, portanto, tem ao mesmo tempo, uma relação com a culpa e a punição pelas ações do homem na história.

<sup>6</sup> De acordo com Ana Paula R. Campos, o esquecimento, para Nietzsche, constitui uma “força plástica”, ao mesmo tempo, “inibidora e ativa”, com a função de “nos libertar de impressões repetitivas e doentias ao lidar com algum ultraje, decepção e descontentamento”. (CAMPOS, 2014, p. 16).

A grande questão que nos move seria de pensar sobre a possibilidade e o desenvolvimento de uma escrita da História que esteja a serviço dessa definição de vida apresentada pelo filósofo.

A felicidade como a busca de momentos ainda não vividos, completamente inéditos com o mundo. Àquela capacidade de sentir e se instalar no instante de maneira intensa. A possibilidade de não somente ser feliz, mas de fazer outras pessoas felizes, só seria possível por meio do esquecimento. Ao contrário, o excesso de memória e perspectiva histórica, causa a ruína dos indivíduos. Dessa maneira, o filósofo argumenta que na relação entre indivíduo, povo e cultura com o passado, seria necessário o estabelecimento de limites de maneira que possa recorrer ao passado apenas para curar feridas e reparar perdas, capacidade que denomina de “força plástica”. Esta capacidade e faculdade de um indivíduo ou povo de esquecer e de lembrar em uma medida equilibrada para melhor se situar e lidar com o presente, alerta o filósofo, certamente, propiciam estados de bem-estar, alegria, felicidade e confiança no futuro. Para exemplificar ainda este conceito fundamental, para compreendermos a relação saudável do homem com o passado, o filósofo menciona dois tipos de indivíduos, o primeiro que se deixa abalar facilmente com as intempéries da existência, e o segundo, mesmo enfrentando grandes problemas conseguem permanecer em um estado de equilíbrio.

A esse respeito, alguém já fez a seguinte observação: o saber e a sensibilidade históricos de um indivíduo podem ser extremamente limitados, o seu horizonte pode ser tão estreito quanto o de um habitante de um vale alpino; é possível que ele se mostre injusto em todos os seus julgamentos e acredite deter a exclusividade de cada experiência que já fez - , mas, a despeito de todos os seus erros e de todas as suas injustiças, ele goza de uma saúde e de um vigor irresistíveis, que todos os olhos veem com prazer; ao passo que, ao seu lado, um homem infinitamente mais justo e mais sábio do que ele definha e morre, pois as linhas do seu horizonte se deslocam sem cessar, ele não pode se desembaraçar da teia cada vez mais sutil da sua justiça e da sua verdade, para encontrar a imediatidade elementar do querer e do desejo (NIETZSCHE, 2005, p. 74 – 75).

Com isso, entendemos que não há como pensar o passado, se não for a partir dos problemas e dificuldades do presente e é a atitude humana saber utilizar o passado para se situar e lidar com o presente que pode ser entendido como “força plástica”. Essa capacidade tanto de lembrar quanto de esquecer no momento adequado é o que Nietzsche denomina de sentido histórico e sentido a-histórico, fundamentais para a saúde de um indivíduo, povo ou cultura. Essa análise da relação entre o indivíduo com o seu passado, presente e futuro, ou seja, com a própria vida, o filósofo argumenta que a ausência de sentido histórico não comprometeria o vigor e a saúde de um indivíduo. No entanto, ao contrário, um homem mais sábio e justo, definha e morre. A capacidade de esquecer e lembrar, no momento adequado, seria extremamente importante, portanto, para a manutenção da saúde e bem estar de um indivíduo.

Uma vida saudável exige, portanto, esquecimento, lembrar, apenas no momento oportuno. Nesse sentido, a definição sobre que “significa viver” presente no aforismo 26 de *Gaia Ciência*, está de acordo com a crítica ao excesso de sentido histórico e memória presente na cultura moderna. Segundo Nietzsche, viver, entretanto, significa “continuamente afastar de si algo que quer morrer; viver – é ser cruel e implacável com tudo o que nós, e não apenas em nós, se torna fraco e velho” (NIETZSCHE, 2012, p. 75). Desse modo, a definição do filósofo sobre o que significa viver, portanto, nos remete a ir contra tudo aquilo que nos “torna fraco e velho”, neste caso, ao excesso de história e memória, alvo da crítica na II Intempestiva, o que seria responsável por essa degeneração da vida.



Nietzsche critica a busca pela neutralidade e objetividade na escrita da História<sup>7</sup>. Para o filósofo, seria importante uma “objetividade”, mas que fosse atrelada ao senso de justiça em relação à interpretação do passado. Mas, cabe ressaltar, se eximindo de se sentir superior ou mais importante que outras épocas, que o historiador saiba ponderar e interpretar os acontecimentos históricos, munido pela busca de uma verdade não objetiva, mas pautada na vontade de ser justo, desenvolvendo as virtudes “mais necessárias e raras” que acompanham a justiça, algo cada vez mais difícil de ser encontrado no mundo moderno (NIETZSCHE, 2005). No entanto, os historiadores, segundo o filósofo, devem ter cuidado para não se tornarem fanáticos em seus julgamentos.

Cabe ressaltar que estes historiadores que buscam a justiça no momento de analisar o passado se distinguem daqueles que buscam a verdade a qualquer preço, a seu ver, um conhecimento “puro e sem consequência”. Os historiadores devem ter cuidado, portanto, para não se transformarem num “frio demônio do conhecimento”, na busca de uma verdade objetiva sobre os acontecimentos históricos (NIETZSCHE, 2005, p. 118). Nietzsche destaca ainda a importância dos grandes homens para analisarem e julgarem o passado, uma vez que os fracos não detêm tal capacidade de julgamento. Por outro lado, critica a análise de muitos historiadores de espíritos “egoístas” e “partidários” que analisam as épocas a partir de suas próprias convicções, mas disfarçam numa pretensa objetividade (NIETZSCHE, 2005). Além de avaliarem os

---

<sup>7</sup> No que diz respeito à objetividade da História, segundo Frezzati, Nietzsche critica a *Historie* científica (historicista e positivista), o hegelianismo e o cristianismo, justamente por nivelar todos os acontecimentos, banalizando-os, e tornando uma história “neutra”, apenas como mais uma narrativa. Nietzsche, por outro lado, almejava alcançar uma História (*Geschichte*), no viés artístico, como potência criadora, com o objetivo de alcançar a beleza e a profundidade do mundo, sendo exterioridade e interioridade relacionadas. Já os eruditos, apenas acumulavam os conhecimentos sobre os fatos, sem possibilidade de criação, viam o passado, presente e o futuro da mesma forma (FREZZATI, 2018, pp. 15-16).

acontecimentos do passado, a partir de opiniões do próprio presente, buscando uma justificativa para as suas ações.

O filósofo critica ainda essa ilusão da pretensa objetividade como uma maneira do historiador examinar os acontecimentos, suas causas e consequências de forma “pura”. Um “desligamento” da influência que a realidade exerce no indivíduo, entretanto, é possível tal passividade? Questiona. Além disso, fica claro que Nietzsche defende um posicionamento diferente do historiador, o qual deve enxergar a realidade analisada como “um momento supremo de composição”, o que significa certo “impulso artístico” do historiador ao relacionar os fatos históricos e explicá-los (NIETZSCHE, 2005). A questão sobre os impulsos artísticos pode ser identificados na obra *A vontade de potência*, nos aforismo I, II e III, quando Nietzsche parte da afirmação da necessidade de arte para não morrermos de verdade, pois, segundo o filósofo,

há somente um mundo, e este é falso, cruel, contraditório, enganoso, sem sentido... Um tal mundo é o mundo verdadeiro. *Precisamos da mentira* para triunfar sobre essa realidade, essa “verdade”, isto é, para viver ... Se a mentira é necessária para viver, até isso faz parte desse caráter terrível e problemático da existência (NIETZSCHE, 2014, p. 44).

Assim, conclui que temos necessidade de arte, tanto que a busca pela “verdade” na “metafísica, religião, moral, ciência”, é prova disso, da busca pela fuga da “verdade” e respostas para nossas perguntas. Nietzsche, portanto, destaca as razões pelas quais a arte seria a “grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida” (NIETZSCHE, 2014, p. 45). Segundo Nietzsche,

A arte como única força superior contraposta a toda vontade de negação da vida, como o anticristão, o antibudista, o antiniilista *par excellence*.  
 A arte como a *redenção do que conhece* – daquele que vê o caráter terrível e problemático da existência, que quer vê-lo, do conhecedor trágico.  
 A arte como a *redenção do que age* – daquele que não somente vê o caráter terrível e problemático da existência, mas o vive, quer vivê-lo, do guerreiro trágico, do herói.  
 A arte como a *redenção do que sofre* – como via de acesso a estados onde o sofrimento é querido, transfigurado, divinizado, onde o sofrimento é uma forma de grande delícia (NIETZSCHE, 2014, p. 45).

Desse modo, a arte é entendida pelo filósofo como fundamental para a criação, sendo indispensável para a afirmação da existência e da vida, mas do que a própria busca pela verdade realizada pelos modelos teóricos, epistemológicos e historiográficos modernos.

O filósofo faz uma consideração ainda sobre o lugar da razão na atuação do historiador que organiza os acontecimentos num sentido lógico e coerente com um intuito de

explicá-los<sup>8</sup>. No entanto, em que medida a história não contaria também com o acaso? Seria possível estabelecer um controle sobre os acontecimentos ao ponto de organizá-los e explica-los em um argumento lógico? Seria, portanto, possível alcançar uma verdade quando nos referimos à história? Nesse sentido, Nietzsche tece uma crítica a Leopold von Ranke, mais precisamente em sua compreensão de que a história dos homens estaria submetida a uma “marcha das coisas”. Tal generalização, segundo Nietzsche, se constitui como um absurdo e uma obscuridade. Uma tentativa de criar uma lei geral que explicasse os acontecimentos, mas que nada explica, pois se constitui apenas como uma trivialidade e simplicidade sobre as coisas. Nietzsche realiza uma crítica ao caráter cumulativo do conhecimento, que se inicia, sobretudo, com as ciências da natureza e que depois influencia as ciências humanas a partir do século XIX<sup>9</sup>.

O filósofo alerta que as leis e teorias criadas para explicar os fenômenos acabam determinando, inclusive, os resultados de estudos posteriores. Não apenas os seus próprios resultados. Desse modo, o filósofo ressalta que a História possa se abster dessas “ideias gerais”, mas abordar os temas de múltiplas maneiras, ainda que esse tema já tenha sido bastante discutido, procurando alcançar certa “profundidade, de poder e beleza”. Para buscar a “profundidade, de poder e de beleza”, seria importante, segundo o filósofo, a capacidade e um espírito criador e artístico (NIETZSCHE, 2005).

Buscando uma objetividade no sentido positivo ou sincero e não como uma máscara utilizada pelo intelectual para esconder suas paixões, por trás de suas observações frias e incisivas. Como se o sujeito do conhecimento se escondesse ou fosse “arrebatado” produzindo algo sem

---

<sup>8</sup> Na introdução e no primeiro capítulo da obra *Razão Histórica*, Jorn Rusen, reflete sobre os fundamentos da “ciência histórica”, mais precisamente sobre a questão clássica de saber em que medida a História possui um “sentido cognoscível”, uma racionalidade. Para Rusen, o papel da teoria da História sobre a busca pelo sentido da razão na História, tendo em vista o desenvolvimento da capacidade de fundamentação e de autocritica de suas reflexões (RÜSEN, 2010). A crítica de Nietzsche na *Intempestiva*, entretanto, vai para além da reflexão sobre o pensar e o fazer histórico, dos seus limites e contradições, o filósofo tem como alvo não apenas problemas relacionados à razão ou não dos estudos históricos, mas principalmente, em denunciar como a cultura moderna estaria contaminada por um excesso de sentido histórico, comandado por forças reativas responsáveis pela decadência e degeneração da cultura, do povo e dos indivíduos.

<sup>9</sup> No final do século XVIII, o advento da Revolução Francesa causou grandes impactos tanto nas ciências naturais como nas ciências humanas e sociais, que repercutiram ao longo do século XIX, criando-se uma expectativa sobre um progresso da humanidade, acreditando que somente através da razão se alcançaria a tão desejada liberdade humana. Augusto Conte e Leopold von Ranke, preocupados com a inserção da história no debate com as ciências da época, passaram a se preocupar em reunir os fundamentos necessários para que a disciplina se legitimasse como ciência. Nesse contexto, o positivismo surge aliado aos paradigmas das ciências sociais, com a pretensão de uma suposta “neutralidade” dos acontecimentos históricos, tendo a preocupação em tentar captar os fenômenos como algo que pode ser reproduzidos, bem como a definição de conceitos e modelos explicativos gerais que dessem conta da interpretação da realidade como um todo. No que diz respeito à compreensão da escrita da História e outras perspectivas da História nos séculos XIX e XX ver, por exemplo, (NICOLAZZI; ARAUJO, 2011, pp. 9-14).

emoção, e utilizando-se de palavras secas para expressar a realidade observada. Assim, acredita-se na ideia de quanto menos relação o sujeito tiver com o fenômeno, melhor poderá interpretá-lo. Na verdade, isto se traduz em apenas vaidade, uma “indiferença com a aparência de objetividade”, isto é, uma falsa objetividade (NIETZSCHE, 2005).

Outra crítica feita por Nietzsche aos historiadores e aos positivistas, diz respeito ao fato de analisarem o passado a partir de suas convicções do presente, comportando-se, muitas das vezes, como um verdadeiro juiz, pois determina à visão do passado a partir de sua própria época, isto seria, segundo o filósofo, um dos defeitos de alguns historiadores modernos. Desse modo, essa falsa objetividade, na verdade, se constitui como um comportamento que coloca o presente como se fosse o lugar de todas as verdades, como se fosse o momento mais importante. Estes historiadores, portanto, parecem como verdadeiros juizes, pois julgam o passado a partir de suas convicções ou “verdades” do presente.

No aforismo 2 da obra *Humano demais Humano*, Nietzsche se dirige não apenas aos historiadores, mas também aos próprios filósofos. O filósofo aponta sua crítica ao que denomina de "defeito hereditário dos filósofos", isto é, o hábito de analisarem as coisas somente a partir do "homem atual". Este aforismo é importante porque se na II Intempestiva o filósofo critica o excesso de “sentido histórico”, já nesta passagem, ressalta a importância do “sentido histórico” para combatermos o que denomina de defeito ou a pretensão do “homem atual” de alcançar uma *aeterna veritas* (verdade eterna) sobre a narrativa dos acontecimentos, quando, na verdade, estes filósofos ou historiadores testemunham “sobre o homem de um espaço de tempo bem limitado”. Nesse sentido, Nietzsche afirma que,

Falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos; inadvertidamente, muitos chegam a tomar a configuração mais recente do homem, tal como surgiu sob a pressão de certas religiões e mesmo de certos eventos políticos, como a forma fixa de que se deve partir. Não querem aprender que o homem veio a ser, e que mesmo a faculdade de cognição veio a ser; enquanto alguns deles querem inclusive que o mundo inteiro seja tecido e derivado dessa faculdade de cognição (NIETZSCHE, 2005, p. 16).

Isto acaba, segundo o filósofo, ignorando que tudo que existe veio a ser, ou seja, o processo histórico. Assim, reconhece o fato de que os modernos devem muito ao decorrer do processo de evolução histórica, o que abala a falsa ideia de se sentirem superiores, bem como critica a concepção teleológica do homem moderno que acredita ser um "ser eterno" e de poder formular uma lei geral de explicação da realidade. Desse modo, conclui ainda que o "filosofar histórico" seria extremamente importante aos intelectuais de sua época, uma vez que, segundo Nietzsche (2005, p. 16), “tudo veio a ser; *não existem fatos eternos*: assim como não existem verdades absolutas”, conclui.

Nietzsche critica fortemente o ponto de vista teleológico presente na História em Hegel. O filósofo, questiona o seguinte, “O que são então alguns milhares de anos (ou, em outras palavras, o espaço de tempo de 34 gerações sucessivas, estimadas mais ou menos em 60 anos cada uma), para que se designe o começo deste período como ‘juventude’ e seu fim como a ‘velhice da humanidade?’!” (NIETZSCHE, 2005, p. 139). Essa ideia, por exemplo, nos remete a ideia teológica muito presente na Idade Média, o Juízo final e a vinda de um salvador que faria justiça à humanidade.

No aforismo 1 sobre “O Eterno Retorno”, Nietzsche nos apresenta outra visão acerca do tempo, diferente do ponto de vista teleológico, o filósofo destaca que o conceito de eterno retorno seria caracterizado pela repetição do desenvolvimento do instante, a saber: o que “o gerou e o que nasce dele”, tanto para frente como para trás. De maneira que o ser humano não deseje outra coisa diferente daquele instante que viveu. Tal conceito, portanto, dá uma ideia da História do ponto de vista cíclico (NIETZSCHE, 2014, p. 397). Desse modo, a ideia de tempo cíclico nos auxilia entender uma História mais dinâmica e pautada no presente e no instante dos acontecimentos, diferente de como entendiam os principais modelos teóricos e metodológicos das Ciências Humanas (especialmente da História) de sua época que compreendiam a História a partir da ideia de progresso e a visão teleológica.

O filósofo adverte ainda que nossa cultura histórica paralisa as forças vitais quando constantemente traz à tona a lembrança por meio da história do “memento mori”, ou seja, de que vamos morrer. Apesar das rupturas com a visão teológica medieval, a cultura moderna, por sua vez, segundo o filósofo, impede e não propicia aos indivíduos alçarem voos sozinhos, dando impulso a criação artística, pois “um profundo sentimento de desespero o acometeu e tomou esta coloração histórica que agora obscurece toda a educação e toda a cultura superiores” (NIETZSCHE, 2005, p. 140). Dessa maneira, essa visão teleológica da história e da vida, paralisa os impulsos vitais e impede a criação necessária à existência grandiosa e saudável. Ao mencionar o exemplo da religião, o filósofo afirma que agindo assim,

ela é hostil a qualquer nova sementeira, a qualquer tentativa ousada, a qualquer livre aspiração; ela impede qualquer vôo para um desconhecido do qual não gosta e do qual não espera nada; ela não entrega senão contragosto ao fluxo do devir, para, no devido tempo, se livrar dele e sacrificá-lo, como uma força muito sedutora que atrai para a vida, como um engano sobre o valor da existência (NIETZSCHE, 2005, p. 141).

Assim como a teologia cristã perseguiu aqueles que através de sua cultura valorizavam a máxima “memento vivere”, sendo encorajados a “seguir em frente”. Estes mesmos homens apesar de se aliarem a “cultura histórica”, a rejeitavam e tratavam com uma “indiferença própria dos epígonos tardios” (NIETZSCHE, 2005). Esse mesmo pensamento que acredita em Juízo final,

algo pré-estabelecido no plano mesmo divino. A crítica se direciona ainda ao fato dos modernos se considerarem epígonos tardios, ou seja, de se considerarem estar em um momento superior ou mais avançado que outras épocas. Exemplo disso, segundo Nietzsche (2005), seria a filosofia hegeliana ao “acreditar que é o rebento tardio de todos os tempos”, a ideia de que o presente seria o “tipo tardio” que daria sentido e finalidade a totalidade do processo histórico. Crítica, portanto, a pretensão de universalidade da filosofia histórica de Hegel e a ideia de racionalidade e progresso presente na interpretação dos acontecimentos históricos conhecida como a marcha racional ou a “marcha de Deus pela terra”.



A crítica de Nietzsche a cultura moderna ou a Modernidade<sup>10</sup> e a cultura histórica se direcionam sobre a questão da falsidade engendrada pelos indivíduos que se utilizam da história como base para o conhecimento ocidental. Este conhecimento histórico seria desvinculado da realidade, fundado em uma ilusão e mentira, pois não considera as necessidades da vida. Sendo assim, se constituem como abstrações e irrealidades que são controladas pelos diversos setores da sociedade, sobretudo, a Igreja e do Estado, traduzindo-se apenas em erudição e convencionalismo. A própria atividade filosófica estaria comprometida, sendo percebida apenas “no douto monólogo do caminhante solitário, na descoberta fortuita deste ou daquele indivíduo, no segredo bem escondido do gabinete de estudos ou no inofensivo palavreiro entre os velhos universitários e as crianças” (NIETZSCHE, 2005, p. 111). Seria importante, portanto, que a filosofia superasse esse nível de “saber ineficaz”, para que tivesse como fundamento uma relação entre interioridade e exterioridade, conectando-se saber e as necessidades vitais dos indivíduos, do povo e da cultura (NIETZSCHE, 2005).

O filósofo reflete ainda sobre a relação entre as atividades intelectuais humanas: escrever, pensar, falar e ensinar como ações e necessidades daquilo que pode ser entendido como vida, ou seja, a partir das forças vitais. No entanto, cabe um questionamento, em que medida essas atividades intelectuais influenciadas pela cultura histórica moderna – consideram os indivíduos enquanto seres humanos dotados de individualidade própria, ou apenas, como “máquinas de

---

<sup>10</sup> Ao se tratar de Modernidade, segundo Di Matteo, Nietzsche não a pensa com uma visão orgulhosa. Não considera como uma ruptura em relação aos antigos, mas vê a modernidade como uma continuidade histórica que “perdura e até declina”. A crítica Nietzscheana “parte da escola socrática -platônica, passa pelos judeus, por Jesus Cristo, Lutero, a Reforma, a Revolução Francesa para chegar à democracia” e ao socialismo. A visão do filósofo sobre o homem moderno, segundo Di Matteo, é a de que se “torna gradativamente um animal que pode fazer promessas, um ser de consciência moral”. “Um animal doente pelo surgimento da consciência de culpa e ressentido por um ideal ascético culpabilizador e negador da vida”. O indivíduo moderno, portanto, representa para o filósofo, a decadência e “agravamento de suas patologias” (DI MATTEO, 2010, pp. 121-122).

pensar, de escrever, de falar?” (NIETZSCHE, 2005, p. 112). Estes indivíduos históricos e dotados pela influência da razão moderna que pensam e produzem o conhecimento histórico que permeia em grande medida as funções da vida pública. Conhecimento refletido nos “manuais ambulantes”, onde são encontradas puras “abstrações concretas” (NIETZSCHE, 2005). Esta produção intelectual, não apresenta forma, nem conteúdo, não sendo possível distinguir a contribuição e sentido para a vida humana.

A tese levantada por Nietzsche na II Intempestiva seria justamente pensar em que medida o estudioso da história pode encontrar sentido e utilidade no estudo do passado de maneira que as reflexões e ensinamentos possam auxiliar o presente, auxiliando a vida e a existência. De maneira que não sejam “sufocados” pelo excesso de informação dos acontecimentos do passado, pelo excesso de conhecimento de temporalidades ausentes de significado para o presente, impossibilitando, desse modo, a construção de um futuro vigoroso. Somente as “personalidades fortes”, conclui o filósofo, são capazes de tal feito, pois quando as personalidades não são fortes para “avaliar o passado com a sua medida”, acabam sendo sufocados pelo tempo (NIETZSCHE, 2005). Segundo Nietzsche,

Para qualquer um de nós, eles são outra coisa, nem homens, nem animais, nem deuses, são somente personagens engendrados pela cultura histórica, imagens, formas sem conteúdo comprovado, formas de resto infelizes e, além disso, uniformes. É assim que a minha tese deve ser compreendida e examinada: *a história só é suportável para as personalidades fortes; para as personalidades fracas, ela somente consegue sufocá-las.*

De fato, ela extravia o sentimento e a sensibilidade, quando eles não são fortes o bastante para avaliar o passado com a sua medida. Aquele que não ousa confiar em si mesmo, mas procura maquinalmente conselho junto à história e perguntando: “Que sentimento devo experimentar aqui?”, este medo o transforma gradualmente em ator (NIETZSCHE, 2005, p. 113).

Esses indivíduos, portanto, não aprendem com a reflexão sobre o passado, mas esperam conselhos prontos de um passado, acreditando na ideia de algo que realmente ocorreu, na possibilidade de reconstituição e não em suas interpretações. A crítica se direciona também as generalizações dos estudiosos que como “pequenos fedelhos pretenciosos” tratam, por exemplo, “os romanos como iguais; eles escavam e exumam os restos mortais dos poetas gregos, como se estes *corpora* só estivessem ali para serem dissecados como *corpora vilia*” (NIETZSCHE, 2005, p. 113). Alerta, portanto, o filósofo para a perda da individualidade e das especificidades presente na sociedade de uma mesma época.

Nietzsche destaca ainda que a sociedade moderna é contraditória quando diz respeito ao conhecimento histórico, pois, ao mesmo tempo, que se vangloria através desse saber, por outro lado, reconhece que quando se volta ao passado “não há na verdade razão para se alegrar, o medo

de que talvez logo terão acabado todos os prazeres do conhecimento histórico” (NIETZSCHE, 2005, p. 138). O exercício de conhecer o passado desenvolve ainda no historiador um “olhar irônico” sobre as necessidades da vida. Ao ponto de que alguns “historiadores que alcançaram as visões mais elevadas” perceberem tal “ceticismo generalizado” (NIETZSCHE, 2005, p. 138). Desse modo, o filósofo ressalta ainda que é um “absurdo” e uma “superstição” perceber o quanto a educação é dominada pela história em sua época. Essa mesma cultura histórica é responsável pelo desenvolvimento de uma “espécie de escarnecimento congênito” e que em nossa cultura moderna “aqueles que carregam esta marca desde a infância devem certamente chegar à crença instintiva na velhice da humanidade” (NIETZSCHE, 2005, p. 139). Atividade esta que consiste em atribuir sentido ao presente tão somente ao “olhar para trás, passar em revista, fazer um balanço, buscar um reconforto na lembrança do que foi, em suma, entregar-se à cultura histórica” (NIETZSCHE, 2005, p. 139). Desse modo, o indivíduo não atribui sentido ao seu presente pelas próprias necessidades vitais, mas somente quando olha para trás, para o passado.

Nietzsche critica ainda a condição moderna de “herdeiros da Antiguidade”. Cabe, portanto, a interrogação, o que há de novo na cultura moderna? O filósofo ressalta que os pilares que sustentam a modernidade são o cristianismo e a cultura clássica da Antiguidade. Nietzsche expressa, entretanto, o desejo de “talvez um dia” nos vangloriarmos de ter nos desenvolvido outras culturas como o espírito da cultura alexandrina e romana, por exemplo. Ou até mesmo irmos para além, buscando modelos no mundo “grego arcaico”. Em busca, segundo Nietzsche (2005, p. 143), de uma “*realização de cultura essencialmente a-histórica*”, sem algo que limite ou expresse uma determinação moral sobre nossas vidas.

Na obra *Genealogia da Moral*, sobretudo, a partir do aforismo 9, Nietzsche afirma que durante a Idade Moderna a humanidade ou melhor, o mundo ocidental ficou sob o domínio do cristianismo e da Igreja, concretizando-se a “‘redenção’ do gênero humano (do jugo dos senhores) está bem encaminhada; tudo se judaíza, cristianiza, plebeíza visivelmente” (NIETZSCHE, 2009, p. 25). Desse modo, Nietzsche destaca a predominância da moral dos escravos, do “homem comum” que prevaleceu sobre a moral dos senhores, quando o próprio ressentimento “se torna criador e gera valores” (NIETZSCHE, 2009, p. 26). Sendo assim, enquanto o nobre cria valores de um si a si mesmo. Os escravos, por sua vez, dizem “não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’” (NIETZSCHE, 2009, p. 26). Segundo Nietzsche,

a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação. O contrário sucede no modo de valoração nobre: ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão – seu conceito negativo, o ‘baixo’, ‘comum’, ‘ruim’, é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior, em relação ao conceito básico, positivo, inteiramente

perpassado de vida e paixão, ‘nós, os nobres, nós, os bons, os belos, os felizes!’ (NIETZSCHE, 2009, p. 26).

Desse modo, a cultura moderna estaria influenciada pelo ressentimento e moral dos escravos, o que comprometeria a criação de valores nobres e elevados, bem como a construção de um futuro vigoroso como Nietzsche destaca na II Intempestiva. No que diz respeito à modernidade, diferentemente de como apresentava alguns autores modernos como “idade viril”, Nietzsche, portanto, compreende este momento como decadência ou a partir da mediocridade, uma época que “não têm mais necessidade de gênios”. Esta época, portanto, pode ser compreendida a partir do comodismo onde os indivíduos buscam apenas satisfazerem suas necessidades e levarem “uma vida confortável” que possam garantir sua sobrevivência e algum momento de ócio e lazer para sua “formação intelectual”. Vale ressaltar que a formação intelectual moderna visa apenas “a honesta mediocridade”, neste caso, a formação de gênios seria o mesmo que “lançar pérolas aos porcos” (NIETZSCHE, 2005).

Desse modo, os modernos veem a história como processo e rumo ao devir, onde estaria à redenção humana pelo progresso e evolução social ou no paraíso celestial, o que foi alvo da crítica Nietzscheana sobre a História e a cultura nessa perspectiva. A visão sobre o processo universal, não leva em consideração as vontades e a multiplicidade de significados e valores individuais e no campo particular, resultando em uma generalização do fenômeno estudado.



Nietzsche propõe, conforme Hartmann, uma reconciliação com a vida, uma afirmação do “querer viver” e uma afirmação da vontade individual, algo que não poderia ser encontrado na filosofia hegeliana, no platonismo, no historicismo, no positivismo e no cristianismo. A aceitação, portanto, da vida como ela é, com as alegrias, mas também com as tristezas e sofrimentos. Nietzsche defendia um projeto filosófico voltado para a formação dos grandes homens, dos gênios da cultura. Pois, “um gigante chama outro através dos intervalos desérticos do tempo, sem levar em conta os anões ruidosos e turbulentos que se agitam a seus pés; assim, eles perpetuam o elevado diálogo dos espíritos” (NIETZSCHE, 2005, p. 157). No entanto, assim como Schopenhauer, reconhecia a dificuldade que era a ascensão destes indivíduos. Desta forma, o papel da História seria o de mediadora entre os grandes indivíduos com o objetivo de “promover o nascimento da grandeza” (NIETZSCHE, 2005, p. 157).

A orientação de Nietzsche é que os indivíduos possam viver em busca de um futuro cada vez mais vigoroso. A importância da História, portanto, seria o de conduzir os indivíduos a busca desse futuro para que não se transforme em algo supra terreno, metafísico ou distante da

realidade da vida. A crítica, entretanto, perpassa a outro fator que enfraquece as ações humanas, o excesso de sentido histórico<sup>11</sup> presente na cultura ocidental. Este excesso, inclusive, seria responsável pela sensação de que somos “um fim” e não o caminho ou a ponte para um futuro vigoroso. Segundo Nietzsche, o excesso de História ainda seria responsável pelos seguintes fatores:

ela extirpa os instintos mais fortes da juventude: o ardor, a obstinação, o desinteresse e o amor; ela sufoca o seu sentimento inflamado de justiça; ela refreia ou reprime o desejo de uma lenta maturação pelo desejo contrário de estar o quanto antes realizado, de ser o quanto antes útil, o quanto antes produtivo; ela expõe a sinceridade e a vivacidade do sentimento à dúvida corrosiva; ela é mesmo capaz de roubar da juventude o seu mais belo privilégio, a sua faculdade de acolher no seu íntimo, pela graça de uma fé transbordante, um grande pensamento, para fazer crescer no seu seio um pensamento ainda maior (NIETZSCHE, 2005, p. 164).

Desse modo, privado de sentir as coisas a-historicamente, o indivíduo se volta apenas para si mesmo, definhando e ressecando em seu próprio egoísmo. Acomodando-se as realidades estabelecidas, pensando apenas em sua própria vantagem ou de seu grupo e no prejuízo dos outros.

O indivíduo nobre, entretanto, sabe que na luta pela vida, o seu sucesso depende de outros indivíduos e que o sucesso de outros indivíduos, também é seu próprio êxito. No capítulo IX de *Para além de bem e mal*, por exemplo, Nietzsche ao definir o que é ser nobre? o filósofo destaca que o sentimento de potência é típico do homem nobre. O homem nobre ao ajudar o necessitado ele expressa seu "excesso de potência". Ressalta Nietzsche "o homem nobre ajuda o infeliz, mas não, ou quase não, por compaixão, mais por um ímpeto gerado pelo excedente de potência" (NIETZSCHE, 2014, p. 296).

O reino da juventude proposto por Nietzsche, portanto, seria a construção de uma sociedade e de uma cultura que libertasse os indivíduos do enfraquecimento de sua personalidade e de suas ações na busca de um futuro mais vigoroso.

As considerações de Nietzsche em sua II Intempestiva volta a afirmar os males e prejuízos do excesso de educação histórica na sociedade moderna, mas também aponta algumas saídas e caminhos para a solução desta problemática, pois se para o filósofo, os alemães e mesmo os modernos não tinham uma verdadeira cultura, o que seria necessário para alcançá-la? Mas, antes disso, será necessário também compreender o próprio conceito de verdadeira cultura, algo a ser alcançado pelos grandes homens e filósofos autênticos.

---

<sup>11</sup> Itaparica destaca os diferentes posicionamentos de Nietzsche em relação ao “sentido histórico”, primeiro, na II consideração Extemporânea e, posteriormente, em *Humano Demasiado Humano*. Pois, enquanto na primeira, o sentido histórico é responsável pelo adoecimento da cultura moderna, pois dissolve as identidades “na totalidade das civilizações passadas”. Já no segundo momento, o filósofo considera o sentido histórico como um dos principais instrumentos de combate a “Velha Metafísica”, sendo sua ausência um defeito hereditário dos filósofos (ITAPARICA, 2005, pp. 81-88).

Para Nietzsche, a cultura deveria estar estreitamente relacionada com o conhecimento fundamentado na própria vida. Caso contrário, esta cultura seria muito superficial e sem sentido para que fosse assimilada pelos indivíduos. No entanto, é esta cultura “superficial” que estaria sendo ensinada aos modernos, preocupada apenas com a formação dos homens de ciência, os eruditos, os quais absorvem o máximo de conhecimento de outras épocas para parecerem cada vez mais inteligentes, o que Nietzsche chamaria de “filisteus da cultura”, mas este conhecimento não teria utilidade e nem compromisso com a elevação da vida (NIETZSCHE, 2005).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do argumento da II consideração Extemporânea sobre a “Utilidade e inconvenientes da História para a vida”, portanto, nos permitiu realizar algumas considerações importantes sobre a crítica Nietzscheana a cultura moderna, a qual, segundo o filósofo, estava contaminada pelo excesso de História. Pois, como vimos, a história deve servir à vida e que seu excesso pode fazer com que ela degenera. A capacidade de esquecer seria indispensável à própria vida sendo invejada pelos homens em relação aos animais, pois é somente no instante que esquecemos que podemos experimentar da felicidade. Desse modo, o filósofo destacou que seria importante que os indivíduos e o povo estabelecessem limites em relação ao conhecimento do passado, pois a saúde de uma cultura dependeria de saber se utilizar na medida certa o passado para servir à vida.

Para o filósofo, têm importância o estabelecimento tanto do indivíduo quanto o povo e a cultura de limites em relação ao conhecimento do passado, de modo que não interfira de modo negativo no presente, mas que o passado seja utilizado tão somente para contribuir para a reparação e reconstrução de perdas. A serenidade, a alegria, a boa consciência seriam estados que só são possíveis pela capacidade do indivíduo ou de um povo tanto de lembrar quanto de esquecer no momento oportuno. Da mesma forma, a saúde de um indivíduo, povo ou cultura depende da consciência do momento adequado para a utilização do conhecimento histórico. No entanto, podemos concluir que a ausência de sentido histórico não comprometeria a saúde de um indivíduo, o seu contrário, por outro lado, pode degenerar a vida. O excesso de passado, portanto, acaba por retirar as forças vitais de um indivíduo, povo ou cultura.

Dessa maneira, cabe ressaltar a importância do passado como orientação do presente tendo como alvo o futuro, mas diferentemente da ideia de progresso e visão teleológica. Nietzsche, por outro lado, argumentou que estes indivíduos que utilizam o passado para se orientarem são chamados de *espíritos históricos* e seriam comandados pela *força a-histórica*, ou seja, por suas

necessidades vitais. Desse modo, têm importância à reflexão sobre a utilidade da história para a vida, tendo em vista a conservação da saúde de um indivíduo, povo ou cultura. Foi ainda importante reconhecer a necessidade que a vida tem de conhecimento histórico. Nesse sentido, foi importante a reflexão sobre os três tipos de história: a história monumental, a tradicionalista e a crítica, isto porque os indivíduos, de modo geral, apresentam atitudes de conservar e venerar o que foi e devido sofrerem e terem necessidade de libertação. A história nas suas diferentes modalidades deve se preocupar, portanto, com os problemas do presente. Se a vida tem necessidade das diferentes modalidades de história, essa necessidade, como já foi dito, deve estar vinculado à vida. Diferentemente da história escrita pelos eruditos que foram criticados por Nietzsche devido se preocupar apenas com o aumento do conhecimento. O conhecimento do passado, por outro lado, deve, portanto, orientar o presente e projetar o futuro sem enfraquecer as suas ações.

Dessa maneira, o excesso de cultura histórica presente na cultura moderna foi criticado por Nietzsche, o próprio filósofo, destacou que ser culto era o mesmo que possuir uma cultura histórica. Além disso, destacou que os gregos diferentemente dos modernos apresentavam uma cultura *a-histórica* no auge de sua época. A crítica do filósofo se direcionou ao excesso de sentido histórico da cultura moderna que só existe enquanto uma reprodução de outras culturas passadas. Nesse sentido, seria importante destruir essa “falsa cultura moderna” e estabelecer uma “verdadeira cultura”, de maneira que se restabeleça a saúde dos indivíduos e do povo contaminados pelo excesso de conhecimento histórico. Vale ressaltar que a cultura moderna contaminada pelo excesso de conhecimento histórico, via-se superior as culturas passadas estaria na condição de poder julgar e se considerar mais avançada que outras épocas.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. Nietzsche e as críticas à filosofia da História e à historiografia científica do século XIX - uma análise da primeira parte da 2ª consideração intempestiva. **Sapere Aude**. Belo Horizonte, v. 5, n. 10, 2014.
- BLOCH, Marc, **Apologia da História, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAMPOS, Anna Paula de Ramos. **Nietzsche e o esquecimento**. UFG: Dissertação (Mestrado em Filosofia). Goiás, Goiânia, 2014.
- CAVALCANTI, Anna Hartmann. Nietzsche, a memória e a história: reflexões sobre a segunda consideração extemporânea. **Philosophos**. Goiânia, v. 17, n. 2, pp. 77-105, jul./dez., 2012.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Trad. Edmundo Fernando Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DI MATTEO, Vincenzo. Nietzsche, pensador da modernidade. **Cadernos Nietzsche**. 27, 2010.

FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antônio. As noções de história na II Consideração Extemporânea e em Humano, demasiado Humano. **Caderno Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v. 39, n. 1, jan./abr., 2018.

GERTZ, René. “O historicismo e a moderna história social alemã. In: VARELLA, Flávia et al. (orgs.). **A dinâmica do historicismo**. Revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A razão na história**: uma introdução geral à filosofia da história. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Linhas fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito natural e Ciência do Estado em compêndio**. 2º ed. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2010. (Coleção Ideias: Clássicos).

ITAPARICA, André Luís Mota. Nietzsche e o sentido histórico. **Cadernos Nietzsche**, 19, 2005.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MELO, Danilo A. Santos. **História e memória como crença no futuro**: esquecimento e superação do niilismo em Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, 29, 2011.

NICOLAZZI, Fernando; ARAUJO, Valdeí Lopes de. **A história da historiografia e a atualidade do historicismo**: perspectivas sobre a formação de um campo. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. “II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida”. In: **Escritos sobre história**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. In: **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora 34, 2014.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales – A inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

WHITE, Hayden. O fardo da História. In. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 2014.